

Estado de Minas 01/05/2011

Pela guarda responsável

Protetores dos felinos abandonados no Parque Municipal fazem protesto contra o plano da PBH de criar um gatil

Valquiria Lopes

Liliane Pelegrini/EM/D.A Press



Voluntários e ONGs querem que os gatos permaneçam em liberdade

Um impasse está travado entre a Prefeitura de Belo Horizonte e os protetores dos gatos que vivem no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, na Região Centro-Sul da capital. Na manhã de ontem, os voluntários que cuidam e alimentam os cerca de 150 felinos fizeram um protesto no espaço verde contra o plano da administração municipal de construir um gatil fora do parque para abrigar os animais. A iniciativa, conforme a prefeitura, atende às medidas para tornar o parque mais seguro, adotadas em janeiro, quando um jatobá infestado de cupins caiu e matou uma mulher que passeava no local. A alegação para retirada dos felinos baseia-se na afirmação do município de que os gatos são predadores de aves responsáveis pelo equilíbrio da população de cupins no parque.

“O gatil será um espaço aberto, amplo e adequado, com trepadeiras, brinquedos e vegetação, com parte coberta para proteção da chuva e aberta para a entrada do sol. Nesse local, os animais terão atendimento veterinário e serão encaminhados para adoção”, explica a bióloga Tatiane Cordeiro, da Fundação de Parques Municipais. Ainda assim, ela explica que a construção do espaço será amplamente discutida com a comunidade. “Por enquanto, não temos nada desenhado. O local ainda não foi definido nem sabemos quando estará pronto. O desenvolvimento do projeto ficará a cargo do setor de engenharia da Fundação de Parques”, disse.

Durante o evento, a bióloga cobrou uma postura mais comprometida das pessoas que abandonam gatos no parque e fez uma alerta: “Elas precisam se conscientizar quanto à importância da guarda responsável. Jogar os animais no parque só aumenta o problema, principalmente porque a maioria dos que chegam não são castrados e, mais tarde, se reproduzem”, disse.

Por outro lado, a transferência dos gatos para o novo espaço é vista como um equívoco por representantes de organizações não governamentais (ONGs) ligadas à proteção dos animais. “A colônia de gatos no parque hoje está estabilizada, estéril (castrada) e em declínio. Não é preciso retirá-los daqui. Se isso acontecer, eles correm risco de morrer, pois são territorialistas e podem não se adaptar em outro lugar”, defende a bióloga Fabiane Niemeyer, que é co-fundadora da ONG Gato Negro, integrante do movimento.

Os gatos do parque, segundo ela, são dóceis, calmos e alimentados diariamente, o que os faz não ter perfil de caça. Mas, de acordo com a bióloga da Fundação de Parque Municipais, Tatiane Cordeiro, o animal alimentado aumenta seu potencial de predação. A representante da Gato Negro ainda defende a permanência dos gatos dizendo que um estudo feito pelo parque municipal mostra que apenas 22% das aves vêm ao chão para se alimentar. “A maioria fica na copa das árvores onde os gatos não vão. É um erro culpá-los. Além disso, os principais predadores dos cupins são as formigas e não os pássaros”, disse Fabiane.

Há 16 anos cuidando dos gatos no parque, a ambientalista Jane Penna fala sobre o amor que tem pelos bichanos. “Esse carinho vem desde criança. Tenho fotos em que estou fantasiada de gato. Sempre gostei. Hoje, contribuo para o bem-estar deles trazendo alimentação três vezes por semana. Eles não podem sair daqui. O parque é o lugar deles”, contou. A ambientalista também assume a responsabilidade de capturar os animais recém abandonados no local e os encaminhar para castração em uma clínica particular.